

BALADA DE GAVRILLO PRINCIP

texto Rui Patrício

Os tempos correm confusos, tensos, perturbados. A Europa interroga-se, alguns dos seus países estremeçam, torcem-se e contorcem-se. No resto do mundo também há agitações, movimentos, perplexidades. Há nacionalismos que espreitam e espigam, enquanto outros nascem ou começam a andar. Os discursos radicalizam-se, crescem desconfianças - locais, regionais, nacionais, europeias ou globais. Uns acham que trabalham para pagar a vida doce de alguns. Outros pensam que, por mais que lhes seja dado, sempre lhes ficam a dever. Aqui e ali há quem queira cobrar eternamente dividas antigas, verdadeiras ou imaginadas. Demagogos cavalgam a espuma dos dias e inflamam os medos. Oportunistas vêem mais longe e manipulam. Medrosos de vistas curtas dormem melhor à noite se lhes apontarem alvos e bodes expiatórios fáceis e vizinhos ameaçadores. E por todo o lado, como na "Ópera do Malandro", cheira a brilha-cobre (ou à ideia dele) - que nos mares, nos rios e nos lençóis subterrâneos comanda o mundo e as gentes. E horizonte largo e estratégia são coisas cansativas e longínquas, viver um dia depois do outro e ficar pela tática estão em melhor harmonia com o gosto pela superfície e com a eterna fadiga de pensar ou de esperar. Os equilíbrios de poder são frágeis, requerem os cuidados e a paciência que se devem dedicar a flores delicadas, mesmo quando elas florescem só depois de anos de trabalho ou nem dão flor visível.

E há armas, muitas. E há recursos, muitos - sejam *utilities*, sejam *commodities* -, e grandes apetites por eles (individuais ou nacionais), que levam a que se pergunte, com energia, porque não-de ser partilhadas quando talvez pudessem ser usufruídas só por alguns. Partilhar é tão difícil, ceder ainda mais. Há gula, há avareza, há soberba, essa trindade fatal dos pecados capitais das nações. E há distração, grande, e muita rotina, fazendo com que se tenha por adquirido o que nunca o é e por conquistado o que - como o amor, a dignidade e a liberdade - precisa de trabalho e de atenção constantes. E há, também, falta de História, falta de visão diacrónica, e muito pouca capacidade de cada qual se pôr no lugar do outro, seja o outro uma diferente pessoa ou um país alheio.

De facto, tudo isto se conjuga no mesmo momento. A Europa e o mundo torcem-se e contorcem-se. Interrogam-se. Agrupamentos de Estados desagregam-se. Uniões são postas em causa. Cooperações e associações de valores e interesses sofrem erosão. Os tempos correm, realmente, confusos, tensos, perturbados. Há vozes que sobem acima das outras, há vozes que seduzem mais do que outras. Prometem-se ou entreveem-se (doce ilusão de ótica) amanhãs sorridentes e cantantes. Oferecem-se facilidades. Há tumultos, atentados, tiros, medos - muitos medos. Custa a dormir, custa planejar, custa pensar, custa enxergar longe. Política escreve-se cada vez menos com maiúscula. Olhar significa cada vez menos ver. No pensar escasseia o refletir.

Certamente já perceberam do que falo. Não? Falo da Europa e do mundo há cerca de um século, nas vésperas do dia em que o sérvio Gavrilo Princip, em junho de 1914, deu um tiro no arquiduque Francisco Fernando. Depois disso, deflagraram todos os rastilhos que se vinham acumulando, e começou logo no mês seguinte a Primeira Guerra Mundial, que só terminou já no tempo frio de Novembro de 1918, milhões de mortos (militares e civis) depois, destruindo a Europa e parte do resto do mundo. Julgavam que eu falava da Europa e do mundo de hoje? Não, que ideia. Obviamente que não, o que escrevi não se aplica aos tempos de hoje, não veem que não? Nada, nada. A História nunca se repete, não, nem como tragédia, nem como farsa. Até nisso, pelos vistos, Marx estava errado. Pois claro. **E**